

Afetividade Na Aprendizagem

*Sandra Regina De Paula*¹
*Moacir Alves de Faria*²

Resumo

Para haver aprendizagem deve haver troca, e para haver troca, essa troca deve ser permeada de afeto. Precisamos não só ensinar o currículo, mas ensinar a amar, a ter empatia com o outro, e isso só se dá através do afeto e da afetividade. Para isso precisamos da família e do lúdico, pois é a através do lúdico que podemos ensinar com afeto.

Palavras-chave: Educação, aprendizagem, afetividade.

1. Introdução

Este trabalho foi desenvolvido depois da leitura do Livro do Celso Antunes, A construção do Afeto, a partir do qual pude perceber que só se estimula e só se ensina através do afeto e do carinho.

No transcorrer do trabalho explorar-se-á uma seção sobre a afetividade e seu papel na aprendizagem, onde será mencionada a importância do afeto e da auto-estima e a relação democrática que deve haver entre educando e educador. A importância do olhar do educador em relação aos educandos, também se fará presente no desenvolvimento desta seção.

Na segunda seção falar-se-á sobre a importância da família dentro do desenvolvimento infantil e sobre como a afetividade deve permear na família, pois uma criança só é feliz e bem resolvida se for amada. Também abordará a relação que deve haver entre a família.

Será desenvolvida ainda uma seção sobre o lúdico e seu papel dentro do processo educacional. O lúdico como recurso de aprendizagem, sua importância tanto educativa quanto como um jogo, enfocando a interação entre os educandos.

Todo o trabalho foi baseado em autores como Paulo Freire, Piaget, Vygotsky, Wallon, Celso Antunes, e dentro das seções poder-se-á observar várias citações desses autores, mestres da arte de educar.

Lembrando que este trabalho é voltado à afetividade e que ela deve permear o

¹ Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Nove de Julho – UNINOVE.

² Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Professor Orientador.

trabalho do professor dentro da sala de aula, visto que somos espelho e modelos a sermos copiados por nossos educandos.

2. A Afetividade na Aprendizagem

Educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a trilhar, que o professor julga ser o certo. Educar é ajudar o educando a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que vive, bem como de seu papel dentro dela. É saber aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar ao outro com seus defeitos e qualidades. É, também, oferecer diversas ferramentas para que a pessoa possa escolher o seu caminho, entre muitos. Determinar aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.

O educador é, sem dúvida, a peça mestra nesse processo de educar verdadeiramente, devendo ser encarado como um elemento essencial e fundamental. Quanto maior e mais rica for sua história de vida e profissional, maiores serão as possibilidades de desempenhar uma prática democrática efetiva que eduque positivamente.

Sobre esse assunto Nóvoa (1991) afirma que *“não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente”*. Porém, não se quer dizer, com isso, que o professor seja o único responsável pelo sucesso ou insucesso do educando durante sua vida educativa, mas sim, que o seu papel é de vital importância, seja como pessoa ou como profissional.

Para que haja esse processo educativo efetivo é necessário que algo mais permeie essa relação aluno-professor. É esse algo a mais que falta em diversas instituições de ensino. A afetividade, uma relação mais estreita entre o educando e o educador.

A inter-relação entre os sentimentos, os afetos e as intuições na construção do conhecimento tem sido enfatizada por diversos autores.

Snyders (1986) afirma que quando se ama o mundo, esse amor ilumina e ajuda a revelá-lo, a descobri-lo. O amor não é o contrário do conhecimento e pode tornar-se lucidez, necessidade de compreender, alegria de compreender. Mauco (1986) comenta que a educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é

ela que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança.

Goleman (1997), ao desenvolver o conceito de inteligência emocional salienta que aprendemos sempre melhor quando se trata de assuntos que nos interessam e nos quais temos prazer.

A preparação da criança para a escola passa pelo desenvolvimento de competências emocionais – inteligência emocional – designadamente confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, capacidades de relacionamento, de comunicação e de cooperação. Sem o auxílio e o exemplo do professor pode se tornar uma tarefa árdua, pois a criança se espelha no exemplo e quem é o exemplo na escola se não o professor.

Paulo Freire, em seu livro Professora sim, Tia não (1997), afirma a importância dos componentes afetivos e intuitivos na construção do conhecimento. Diz que “...é necessário que evitemos outros medos que o cientificismo nos inoculou. O medo, por exemplo, de nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossos desejos, o medo de que ponham a perder nossa cientificidade. O que eu sei, sei com o meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com os meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções. O que eu não posso é parar satisfeito ao nível dos sentimentos, das emoções, das intuições. Devo submeter os objetos de minhas intuições a um tratamento sério, rigoroso, mas nunca desprezá-los.”

Dentro da abordagem Democrática, a afetividade ganha um novo enfoque no processo de ensino e aprendizagem, pois se acredita que a interação afetiva auxilia mais na compreensão e na modificação das pessoas do que um raciocínio brilhante, repassado mecanicamente. A afetividade, no processo educacional, ganha seguidores ao colocar as atividades lúdicas no processo de aprendizagem.

Assim como o aluno precisa aprender a ser feliz e descobrir o prazer de aprender, nós educadores temos o dever de sermos felizes e de transmitir tal felicidade para que contagiemos os nossos educandos.

Se a criança não tem felicidade em casa, a escola é o melhor lugar para mostrar a ela que a felicidade existe para quem acredita nela. Se ela não tem afeto e carinho, porque não mostrarmos à criança o quanto é bom um afeto?

Podemos perceber, vivenciando o assunto, que na maioria das unidades escolares não ocorre à afetividade, pois o aluno é visto como mero objeto de aprendizado, ou seja, um ‘lugar’ onde o conteúdo deve ser depositado.

Precisamos quebrar os paradigmas e pensar na criança como um todo, um todo formado de emoções, sensações e amor. Por isso é necessário que deixemos um pouco de passar apenas os conteúdos e passemos a pensar na criança e no seu bem-estar, psicológico, físico e cognitivo.

3. A Importância da Afetividade e da Família na Vida do Educando

A Família é a base de tudo na vida do ser humano. É na família que aprendemos as primeiras noções da vida em sociedade, os primeiros conceitos de cultura, de afeto, de carinho, de exemplos.

A afetividade exerce um papel crucial na vida das pessoas e forma um elo na relação Professor-Aluno.

Apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, dissociadas em todas as ações simbólicas e sensorio-motoras.

Vygotsky e Wallon descrevem o caráter social da afetividade, sendo a relação afetividade-inteligência fundamental para todo o processo de desenvolvimento do ser humano. Cabe ao educador integrar o que amamos com o que pensamos, trabalhando de uma só vez, a razão e a emoção. Só se aprende a amar, quando se é amado. Por isso a criança tem que se sentir amada, para descobrir o que é amor. Nós não damos aquilo que não temos.

As crianças precisam sentir-se amadas pelos pais, e pela família. O amor lhes dá segurança, fazendo com que tenham mais vontade de participar e explorar o mundo que as cerca, fazendo com que tenham mais vontade de participar e explorar o mundo.

Podemos perceber que quando os pais se fazem presentes, mostrando interesse pelo filho, pela escola, pelo que ele está aprendendo, pelas coisas que está fazendo ou deixando de fazer e pelos seus progressos e necessidades, as crianças apresentam maior motivação para aprender, pois se sentem orgulhosas de seus feitos.

O laço escola-família se faz mais do que necessário e é através dele que muitas vezes conseguimos vencer obstáculos no transcorrer da vida escolar da criança.

“A família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida”. (*Gabriel Chalita, 2004, pág.26*). Por isso é de extrema importância criar um elo de comunicação entre a família e a escola. Ambas necessitam uma da outra.

“A escola faz um tipo de trabalho e a família outro. Ambas se complementam de

forma maravilhosa e incrível para o bem estar e a formação integral das nossas crianças. Mas nem uma nem a outra podem suprir todas as necessidades infantis e juvenis sem ser um conjunto. (ZAGURY, 2002, p. 24)

A interação entre a família e a escola não deveria ser reduzida meramente a reuniões formais, onde há reclamações e contatos rápidos, mas ocorrer regularmente em momentos de maior troca de informações, nos quais a família pudesse efetivamente participar do dia-a-dia da escola.

É de extrema importância ressaltar que o sucesso ou o fracasso no desenvolvimento escolar da criança é influenciado por diversos fatores, sendo o envolvimento da família com essas crianças o fator principal. As expectativas de pais em relação ao futuro são fatores que podem cooperar ou não para que essas crianças estejam motivadas para um bom desempenho no processo de aprendizagem e durante toda a vida escolar.

4. O Lúdico, Utilizado como Recurso na Aprendizagem

A palavra lúdico vem do latim *ludus* e significa brincar. No brincar estão incluídos os jogos, os brinquedos e os divertimentos e é relativo também à conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte. A função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo.

A afetividade ganha mais espaço e mais valorização dentro do processo de ensino e aprendizagem quando se menciona e se integra o lúdico no desenvolvimento do ser humano, para que seja possível construir por meio da alegria e do prazer de querer fazer.

O jogo e a brincadeira estão presentes em todas as fases da nossa vida, tornando especial a sua existência. De alguma forma o lúdico se faz presente e acrescenta um ingrediente indispensável ao relacionamento entre as pessoas, possibilitando que a criatividade e a socialização floresçam.

O brinquedo, como suporte da brincadeira, tem um papel estimulante para a criança no momento da ação lúdica. Tanto o brinquedo quanto a brincadeira permitem a exploração do seu potencial criativo, de numa seqüência de ações libérrimas e naturais em que a imaginação e a criatividade se apresentam como atrações principais.

Através das brincadeiras e do brinquedo a criança reinventa o mundo e libera

suas atividades e fantasias. Através da magia do faz-de-conta explora os limites e, parte para a aventura que a leva ao encontro do Outro - Eu.

A ludicidade tem conquistado um espaço no panorama da educação infantil. O brinquedo é a essência da infância e seu uso possibilita um trabalho pedagógico que proporciona a produção do conhecimento e também estimula a afetividade na criança. A criança estabelece com o brinquedo uma relação natural e consegue extravasar suas angústias e paixões, suas alegrias e tristezas, suas agressividades e passividades, assim como suas conquistas e suas frustrações. No entanto, a ludicidade não deve ser usada apenas na Educação Infantil, pois o brincar faz parte de toda a infância.

Quando a criança entra no mundo do faz-de-conta, ela entra em outra fase de sua capacidade de lidar com o real, com os simbolismos e com as representações. É através do brinquedo que a criança satisfaz certas curiosidades e traduz o mundo dos adultos para a dimensão de suas necessidades e potencialidades. A criança precisa vivenciar idéias em nível simbólico para compreender o significado na vida real, e isso se dá através das brincadeiras.

Segundo Vygotsky (1991), a brincadeira possui três características: a imaginação, a imitação e a regra. Elas estão presentes em todos os tipos de brincadeiras infantis, tanto nas tradicionais, naquelas de faz-de-conta, como nas que exigem regras. Podem aparecer também no desenho, como atividade lúdica.

Brincar nos proporciona alegria, prazer e vontade de aprender. Fazendo uso do lúdico dentro da sala de aula, encontramos uma forma divertida de o aluno aprender.

Piaget demonstrou que o jogo tem importância fundamental para a assimilação do real e conseqüente para o desenvolvimento da criança. As situações criadas pelo jogo imitam a vida real e atuam na formação de significados, possibilitando assim a construção da função simbólica.

O jogo está inserido dentro do pensamento, da descoberta de si mesmo, da possibilidade de experimentar, de criar e de transformar o mundo. Cabe ao educador propiciar oportunidades de ludicidade dentro da sala de aula. Para isso o professor deve estar ciente de seu papel, e estar capacitado e cuidando de seu próprio desenvolvimento.

Segundo Celso Antunes (2002), o professor é o único no mundo que tem argila com a qual se moldará o amanhã! E por isso precisa refletir sobre as ferramentas e crenças que balizam suas ações, verificando melhores caminhos no processo do

“educar.”

Os educadores precisam valorizar as atividades lúdicas e acreditar nessa proposta, pois ela envolve diversos fatores, dentre eles o desenvolvimento integral dos participantes, os desejos, os sonhos, as expectativas, as crenças e os mitos desses seres humanos frente a cada contexto sócio-cultural e político, fazendo-os entender o seu real papel na sociedade.

Dentro da Educação Infantil tudo gira em torno do brincar. Todas as atividades são voltadas para a brincadeira, seja ela o faz-de-conta ou o jogo com regras. Pena que no Ensino Fundamental a brincadeira e o jogo perdem todo o foco e passam a ser meramente atividades recreativas, como observamos na maioria dos casos e na maioria das escolas visitadas.

5. Considerações Finais

Ao escrever este memorial me questionei sobre inúmeras coisas, dentre elas sobre o verdadeiro papel da afetividade em nosso cotidiano e qual a importância do afeto na vida das crianças, e pude perceber que a afetividade deve permear o nosso trabalho, visto que só se aprende com prazer, quando é ensinado com amor. Tudo o que é imposto, é digerido e não desfrutado. Ou seja, só ocorre o aprendizado verdadeiramente quando a criança torna-se parte do contexto e não é apenas um objeto no processo.

Criatividade: o ato de criar permite uma Pedagogia do Afeto na escola. Permite um ato de amor, de afetividade, cujo território é o dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam medos, sofrimentos, interesses e alegrias. Uma relação educativa que pressupõe o conhecimento de sentimentos próprios e alheios, que requer do educador infantil a disponibilidade corporal e o envolvimento afetivo, como também, cognitivo de todo o processo de criatividade que envolve o sujeito.

A afetividade só é estimulada através da vivência, na qual o professor-educador estabelece um vínculo de afeto com o educando. A criança precisa de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do educando e a ludicidade, em parceria, é um caminho estimulador e enriquecedor para se atingir uma totalidade no processo do aprender, quando há um aprendizado de fato.

Sei que a continuidade em minha formação, se faz necessária, pois, o professor

nunca pode parar de buscar. Nossa formação deve ser constante, frente aos desafios que enfrentamos diariamente em sala de aula. É preciso esclarecer às famílias de nossos alunos a importância da presença na vida escolar de seus filhos e trabalhar a necessidade do vínculo afetivo nas relações familiares.

Todo ser humano precisa de limites, mas de carinho e amor também. Um educando aprende o que é respeito e respeita a partir do momento em que vê o educador como um amigo que tem e espera respeito, como alguém que se preocupa de verdade com ele e que lhe mostra os caminhos.

Este artigo me fez refletir sobre o verdadeiro papel do educador na vida do educando, e sobre como podemos influenciá-lo de forma positiva ou negativa. Cabe ao professor enxergar o aluno como um ser único que precisa aprender, mas acima de tudo é preciso compreender que é necessário amor, afeto e respeito para que isso ocorra.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional**. São Paulo: Terra, 1996.

_____. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1998

_____. **A construção do Afeto**. São Paulo: Terra, 1996.

CHALITA, Gabriel. **Educação. A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2004.

COSTA, Adalvo da Paixão Antonio. **O conteúdo afetivo no currículo escolar**. Revista de Educação da FAESA. V1, nº1. ago. 2000/fev.2001, p.81-93.

FREIRE, P. **A Educação na cidade** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997b.

_____. (1997). **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Lisboa: Temas e Debates, 1997.

NÓVOA, A. (coord.) **Os professores e a sua formação**. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PIAGET, Jean. **Estudos de psicologia genética**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação, estudos Foucaultianos**. São Paulo: Vozes, 1994.

SYNDERS, Geoges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.